

① Ambas os textos criticam a concepção clássica de objetividade do conhecimento como correspondência. Nos trechos selecionados, Berkeley e Quine, assumem que há semelhança entre ideias, ou seja, bases epistemológicas. A diferença é que Berkeley usa essa concepção de semelhança para negar a existência, ^{negar} ou a possibilidade de se afirmar a existência dos objetos materiais, de modo que a objetividade de um conhecimento se caracterize apenas pelas relações estabelecidas entre as ideias. Quine, por sua vez, não nega a existência de objetos que correspondem aos nossos discursos, ao contrário, considera que são pressupostos culturais necessários à vida. Assim deuses e coisas possuem um pressuposto comum de realidade. Os discursos que são proferidos sobre um (coisas) ou outro (deuses) se assemelham, ou, como no texto, "são da mesma espécie". Se o critério de objetividade não é dado pela correspondência entre o que falamos e o real, e se o real é um pressuposto que pode variar entre "deuses" e "coisas", qual é, então, o critério de objetividade para Quine? A objetividade de um discurso é medida, pelo menos no trecho em questão, pelos efeitos que tem sobre a experiência. Neste caso o discurso científico teve e tem mais efeitos práticos e molda mais as experiências individuais possíveis que o discurso que versa sobre deuses.

Fazendo uma análise crítica, Quine afirma que é o poder colonizador do discurso que dá a sua objetividade. Se um "esquema conceitual" é capaz de "introduzir uma estrutura manipulável no fluxo da experiência", significa que de

é uma boa "ferramenta" para moldar o mundo (as coisas, os povos) de acordo com os efeitos que desejamos. Por outro lado, como o critério de correspondência não é mais visto como o que fornece objetividade a um discurso, não é mais necessário dizer que discursos religiosos, ou mitológicos, são falsos para garantir a verdade do discurso científico. Discursos "não científicos" são válidos, porém menos eficientes para modificar a realidade. Em resumo, discursos organizados de forma distinta do científico, apesar de não serem falsos, são menores e menos potentes. Esse raciocínio é a base do racismo epistêmico que vê como menores discursos que não são moldados pela lógica ocidental.

② Popper se refere à possibilidade de uma objetividade científica dentro das ciências sociais que tomam por objeto povos, costumes e relações sociais. Neste contexto a "neutralidade" do observador, no cientista, é o que garantiria a objetividade da pesquisa. O expoente dessa visão é o relativismo cultural na antropologia que dizia ser ideal que o pesquisador não tivesse envolvimento com nenhuma cultura para melhor interpretar os fatos. Ou seja, o pesquisador deveria abrir mão, ou esquecer, sua cultura nativa para entender melhor o outro e ao mesmo tempo o fato de ele nunca se integrar totalmente à cultura estudada garantiria a lisura no julgamento dos fatos. Essa pretensão de imparcialidade é a possibilidade de uma valorização "permanente" cienti-

fica" vem sendo sistematicamente criticada pelos problemas que ela gera. Daremos aqui dois exemplos de problemas.

O primeiro é o fato de, não conhecendo quase nada da cultura estudada, incluindo a língua falada, muitas vezes, o pesquisador fica limitado à narrativa de um tradutor, que muitas vezes não conseguirá preencher lacunas que a diferença entre as línguas (do povo estudado e do pesquisador) deixa na descrição de um evento. Isso compromete a leitura que o pesquisador faz da cultura, e assim a "imparcialidade" é comprometida, pois há sempre uma interpretação que reconstrói a cultura sob o olhar do pesquisador. Essa é a crítica feita pela antropologia cultural e autores como Marshall Sahlins, Roy Wagner, Clifford Geertz.

A segunda crítica reside no fato de que cada narrativa feita por um pesquisador de fora, por ser uma construção e também uma forma de colonização. O pesquisador, por mais imparcial que tente ser, é alguém da cultura dominante, com aparato epistêmico próprio para moldar a realidade do outro conforme a sua (lembra o Quino na questão 1) e alguém autorizado ou legitimamente a dizer o que o outro é. Um exemplo prático disso é quando pensamos que um quilombo, mesmo que se auto-denomine assim, necessita de um parecer de antropólogos autorizados para poder ter assegurados os direitos de quilombola.

③ No trecho citado Adorno chama a atenção para o fato de nem sempre o modelo científico dar conta, ou abarcar a totalidade dos conhecimentos produzidos. Algumas vezes o aprendizado acontece no "fazer", na prática e gera resultados que nem sempre podem ser medidos por critérios "objetivos".

O trecho nos remete à uma reflexão acerca da forma como avaliamos o que o outro, o diferente de nós (que pode ser também a aluno) produz como saber. Tentar lançar mão de um modelo único de razão, de cognição, de aprendizado e, conseqüentemente, de resultado é limitar o campo de ação e de produção do outro e obrigá-lo a se adequar a um único modelo de aprendizado e produção de conhecimento.

Pensando em povos e culturas não ocidentais a questão fica mais clara, muito embora, acredito eu, que não tenha sido o objetivo de Adorno dar conta dessa questão. Culturas indígenas brasileiras produziram um vasto conhecimento medicinal, botânico, ecológico que não é reconhecido como "ciência" pela cultura ocidental por não partilhar do modelo lógico e científico ocidental. O mesmo ocorreu com povos africanos que já dominavam o uso da pólvora na prática, muito embora não tenha feito o mesmo uso que os ocidentais. Ou seja, não havia, de fato, entre africanos a explicação da combustão que aprendemos na cultura ocidental, mas eles conheciam a combustão, com outro nome e o-

peravam com ela de outra forma. Porém, a cultura ocidental que prescreve as formas "universais" de conhecimento não reconhecerá a forma de fazer e conhecer de outros povos como científico.

No caso do texto, aplicado às ciências sociais, a crítica se refere a diferença que há entre a pretensão de imparcialidade que as ciências sociais possuem ao tentar estabelecer seu método e os resultados que as pesquisas geram que nem sempre contemplam tudo o que o método pretende conseguir.